

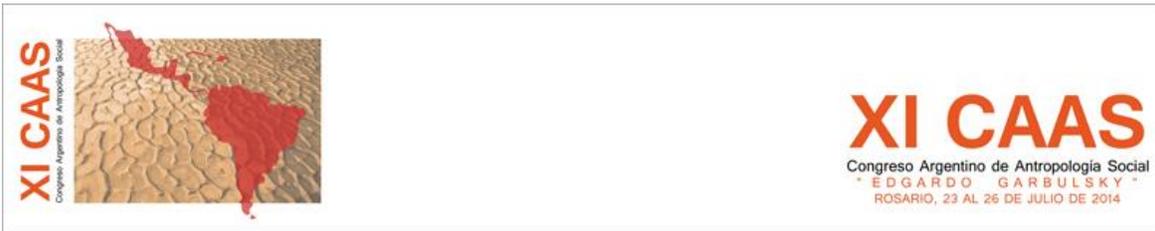
o corpo como método de pesquisa em antropologia urbana.

Oliveira, Jainara Gomes de y Santana Tarsila
Chiara Albino Da Silva.

Cita:

Oliveira, Jainara Gomes de y Santana Tarsila Chiara Albino Da Silva
(2014). *o corpo como método de pesquisa em antropologia urbana*. XI
Congreso Argentino de Antropología Social, Rosario.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-081/1194>



XI Congreso Argentino de Antropología Social

Rosario, 23 al 26 de Julio de 2014

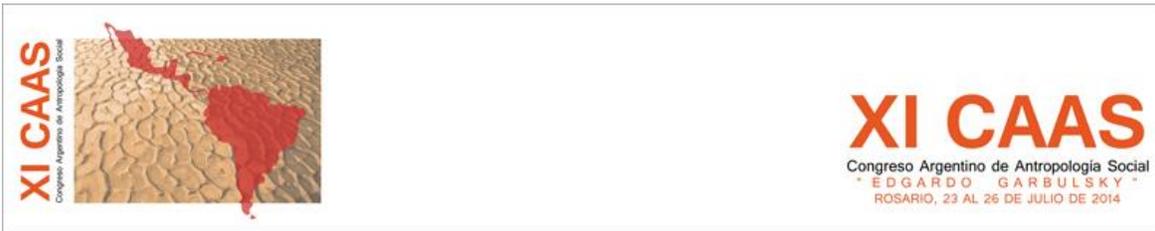
GT 54 - GT54-ANTROPOLOGÍA DE Y DESDE LOS CUERPOS: ETNOGRAFÍAS EN PERSPECTIVA INTERCULTURAL.

O corpo como “método” de pesquisa em antropología urbana

1

Jainara Gomes de Oliveira. GRUPESSC/PPGA/UFPB.

Tarsila Chiara Albino da Silva Santana. GUETU/UFPB.



O corpo como “método” de pesquisa em antropologia urbana

Resumo: Esta comunicação tem por objetivo abordar o corpo como um conceito metodológico relevante para a realização de pesquisas em meio urbano, uma vez que situar-se no campo implica necessariamente colocar o corpo no espaço em que o mesmo se constitui. Nesta perspectiva, o corpo do/a pesquisador/a se organiza no campo, como um importante instrumento de produção dos dados etnográficos. A escolha do corpo como caminho metodológico constitui uma categoria de análise privilegiada para observar a espacialidade da sociabilidade na cidade, tal recorte amplia as fronteiras metodológicas estabelecidas na percepção e mediação da relação entre pesquisador/a e pesquisado/a. Deste modo, o uso do corpo como metáfora metodológica ou apenas como mais um tema de pesquisa, no campo da antropologia urbana, corre o risco de ser somente um descritor de pesquisa e/ou deslizes semânticos recobertos pelos dados etnográficos.

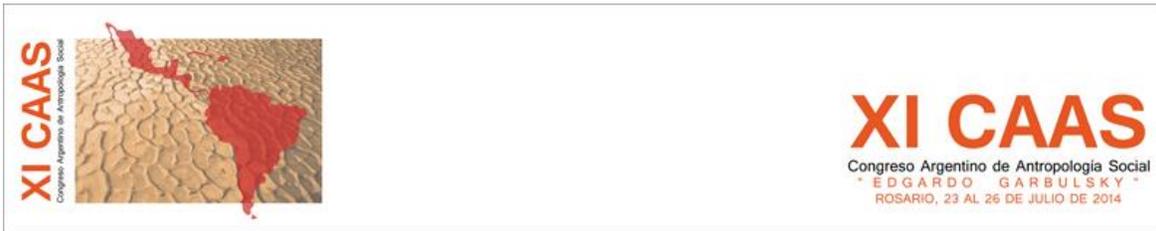
2

Palavras-chave: Antropologia urbana. Corpo/Corporalidade. Etnografia urbana.

1. Notas preliminares

A antropologia urbana enquanto um campo de investigação nasce ainda na segunda metade do século XIX, fruto principalmente da Revolução Industrial, período histórico que promove a introdução de novas dimensões e comportamentos humanos. A complexidade da cidade moderno-contemporânea exige um olhar mais atento para as identidades, pertencimentos, sistemas de interações, sociabilidade, lazer, apropriação do espaço e construções de fronteiras (VELHO, 2008, 2009; MAGNANI, 2003; AGIER, 2011).

É partir da Escola de Chicago, constituída por uma diversidade de doutrinas e heterogeneidade de objetos que, a antropologia urbana, vai delineando sua



especificidade. Ou seja, essa heterogeneidade de objetos proporcionou o desenvolvimento do processo de produção de várias linhas de estudos acadêmicos. Para o antropólogo Heitor Frúgoli Jr (2005, p. 136):

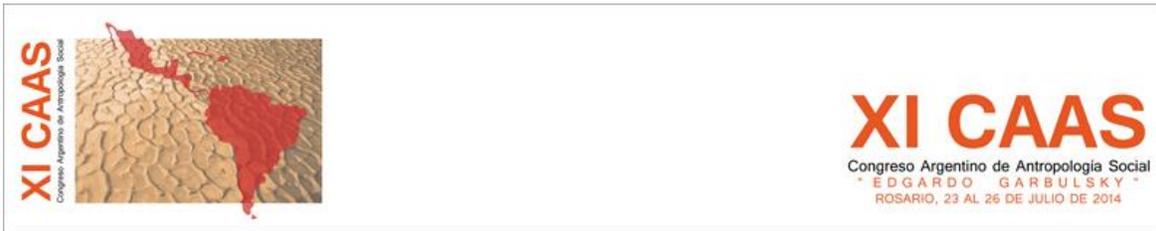
Em linhas gerais, a noção de cultura urbana formulada pela Escola de Chicago, fruto de um conjunto amplo de pesquisas, pode ser creditada principalmente a três autores: Park (1987[1916]), que concebeu a cidade como um campo de investigações da vida social, influenciando várias pesquisas da época (Becker, 1996), bem como, numa segunda etapa, os contrapontos entre os estudos de Wirth (1987[1938]), que culminaram no conceito de urbanismo enquanto modo de vida – com base em variáveis como tamanho, densidade e heterogeneidade –, e de Redfield (1974 [1930] e 1947), assentados em pequenas localidades – que originou os “estudos de comunidade” –, cujo desenvolvimento levaria presumidamente a processos de urbanização, sintetizados no conceito de continuum folk-urbano (Hannerz, 1980).

3

Devemos, ainda, destacar a importância de autores clássicos como Durkheim, Weber, Tönnies e Simmel, que a partir de suas análises específicas das sociedades modernas, tomaram as metrópoles industriais como objetos de investigação e, deste modo, contribuíram para o desenvolvimento desse campo de estudos.

Tradicionalmente, a antropologia surgiu com o estudo do “exótico”, do distante. O grupo ideal para o antropólogo pesquisar era aquele com pequena escala, relativo isolamento, identidade e cultura nitidamente definidas (SANSONE, 2008). Mas hoje a antropologia deixou para trás a perspectiva ‘evolucionista’, passando para uma nova fase de pesquisa de campo, elaborando outros conceitos e paradigmas, abrindo novas áreas de investigação, porém, sem abandonar a preocupação inicial baseada no respeito da diversidade cultural, mas agora o diferente não era mais associado ao ‘atrasado’.

Nesse sentido, a antropologia passou por dois momentos. O primeiro se refere aquele momento em que existia a separação entre etnógrafo e antropólogo

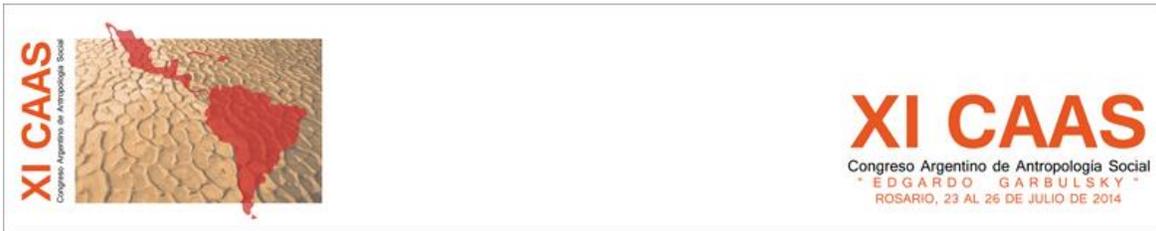


(antropología clásica). E o segundo, trata-se do momento atual, no qual surgiu um novo modo de se fazer etnografia com a observação participante, ou seja, coloca-se a necessidade de o/a antropólogo/a dialogar diretamente com seus/suas interlocutores/as (CLIFFORD, 1998). Essa transformação ocorreu, principalmente, devido às transformações no contexto que estamos inseridos, na efemeridade dos acontecimentos.

Assim, como destaca Magnani (2012), hoje o antropólogo não tem mais como descrever a totalidade da realidade social, deste modo, não devemos tentar reproduzir a etnografia nos mesmos modelos que os antropólogos clássicos, evitando, portanto, “cair na tentação da aldeia”.

Seguindo esta mesma linha de pensamento, Sansone (2008) acredita na necessidade de uma etnografia onde o olhar cuja pretensão não é produzir um quadro da sociedade inteira, mas um bom recorte. Portanto, devemos nos preocupar com a profundidade histórica como contextualização da etnografia e trabalhar para a compreensão universal do tema das identidades sociais a partir de uma abordagem que enfatize a continuidade, a longa duração dos fenômenos, as interconexões causais entre o passado e o presente, mas do que a mudança na ruptura. Ou ainda, como defende Wolf (2003, p. 329), acreditamos que “a antropologia pode ser cumulativa, que podemos utilizar o trabalho de nossos antecessores para levantar questões novas”.

Para Velho (2008), na mesma direção de DaMatta (2000), a aproximação mais familiarizada do/a pesquisador/a com seu universo de pesquisa deve ser relativizada e objeto de análise sistemática. Nesse sentido, esta comunicação tem por objetivo abordar o corpo como um conceito metodológico relevante para a realização de pesquisas em meio urbano, uma vez que situar-se no campo implica necessariamente colocar o corpo no espaço em que o mesmo se constitui. Nesta perspectiva, o corpo do/a pesquisador/a se organiza no campo, como um importante instrumento de produção dos dados etnográficos.



A escolha do corpo como caminho metodológico constitui uma categoria de análise privilegiada para observar a espacialidade da sociabilidade na cidade, tal recorte amplia as fronteiras metodológicas estabelecidas na percepção e mediação da relação entre pesquisador/a e pesquisado/a. Deste modo, o uso do corpo como metáfora metodológica ou apenas como mais um tema de pesquisa, no campo da antropologia urbana, corre o risco de ser somente um descritor de pesquisa e/ou deslizamentos semânticos recobertos pelos dados etnográficos. Sobre esse aspecto, Sherry Ortner sugere que:

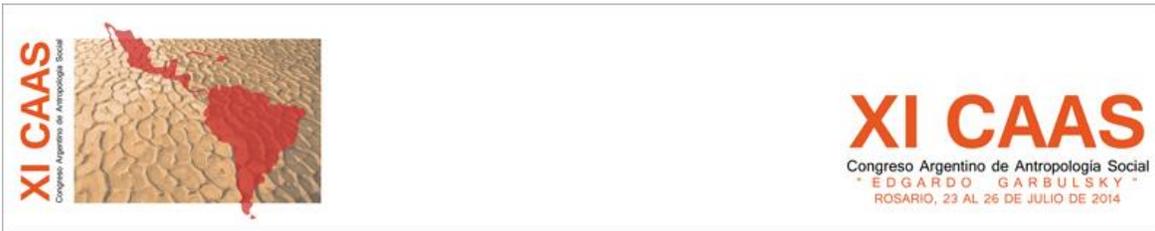
a etnografia implica pelo menos um modo de entender o mundo do outro fazendo uso de si mesma como instrumento de conhecimento [...] Classicamente, este tipo de entendimento tem estado intimamente ligado ao trabalho de campo, no qual a totalidade do ser - fisicamente ou de todos os modos possíveis - entra no espaço do mundo que o investigador procura entender (Ortner, p. 390 apud Lacombe, 2009).

5

Para tanto, pretendemos descrever e analisar uma experiência etnográfica experimentada por uma das autoras desse texto. Partiremos dos pressupostos teóricos e metodológicos que colaboram para uma definição da investigação urbana antropológica (AGIER, 2011; MAGNANI, 2012), pretendemos articular nossas práticas etnográficas e teorias antropológicas a partir da descrição das experiências como sistemas de situações, tentando deslocar nosso olhar da cidade para as pessoas que 'fazem a cidade'.

2. Entrando em campo

A aproximação entre o estudo daquilo que é familiar, levou diversos antropólogos a pesquisar realidades na qual estão inseridos, e no caso que será aqui descrito não é diferente. A escolha de uma das autoras de pesquisar sobre sociabilidade em boates, foi motivada principalmente pelo fato desta ser *deejay* e



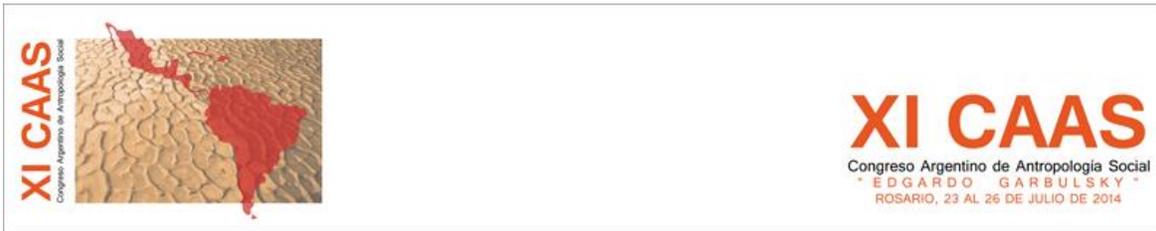
das suas percepções acerca dos espaços de sociabilidade direcionados ao público GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes), particularmente as boates. Nesses lugares, o consumo da música eletrônica costuma ser realizado de diversos modos, marcado principalmente pela hierarquia e diferença que se estabelece no universo LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Travestis e Transexuais).

Percebemos ainda, que essa prática de consumo ocorre de maneira mais acentuada entre os homens homossexuais (identitários ou não), particularmente os que procuram manter corpos com traços masculinos mais definidos. No campo acadêmico, os sujeitos com práticas homoeróticas têm adquirido destaque nos estudos antropológicos urbanos e de consumo, principalmente devido a segmentação de mercado que promoveu uma maior diversidade de estabelecimentos direcionados ao público LGBT (REIS, 2012; FRANÇA, 2012). Essa segmentação de mercado ocasionou uma ressignificação das práticas de consumo dos espaços destinado a esse público, intensificando a diferença e hierarquia interna, como por exemplo, os bares e boates com propostas específicas para um determinado público.

Na observação participante deve-se atentar para os limites dessa participação, conforme mencionado por Durham (2004, p. 27):

[...] pode-se dizer que estamos passando da observação participante para a participação observante e resvalando para a militância. Se essa transformação da natureza do trabalho de campo apresenta aspectos muito positivos, não deixa de ser verdade que a reflexão teórica e metodológica tem se revelado um tanto omissa quanto aos problemas epistemológicos envolvidos.

Assim, acreditamos que o fato de uma das pesquisadoras ser *deejay* e pesquisar música eletrônica nos espaços de sociabilidade GLS, não torne sua condição “de perto e de dentro” fator responsável para elaboração de uma



“*etnografía rasa*”, ao contrário, pretendemos fazer uso da teoria para analisar os dados obtidos.

Ruth Cardoso (2004) também problematiza essa questão da participação enquanto técnica de pesquisa, para ela esta intensificação da participação foi justificada por razões políticas e não pensadas como instrumento do conhecimento. É a mesma questão da militância mencionada por Durham. O fator em questão, não é a neutralidade do pesquisador, até porque este tem obrigações morais com o grupo pesquisado, mas que essas obrigações não os levem para uma militância, na qual o pesquisador se torne um porta-voz, afinal os dados devem ser levados em considerações.

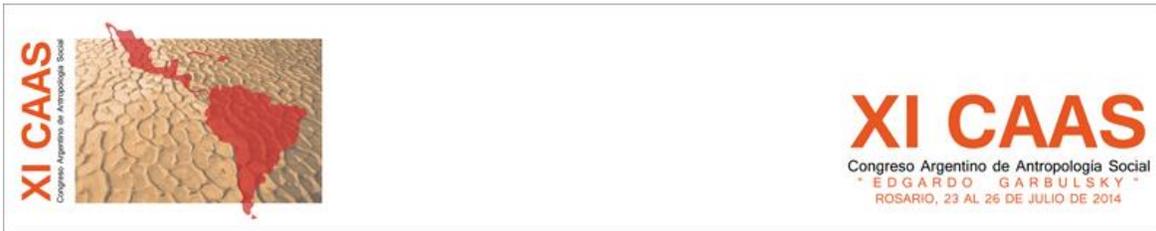
[...] a intensificação da participação dos investigadores foi justificada, menos como forma de aproximar para conhecer e mais como identificação de propósitos políticos entre pesquisador e pesquisado. Isto reduz a pesquisa a denúncia e transforma o pesquisador em porta-voz do grupo. E, como consequência, elimina um dos passos importantes da pesquisa participante, que é o estranhamento como forma de compreender o outro (CARDOSO, 2004, p. 100).

7

Para Durham (2004) a antropologia urbana no Brasil não se desenvolveu nos moldes da antropologia urbana iniciada na escola de Chicago (antropologia da cidade). Aqui a antropologia urbana é mais voltada aos estudos de populações que vivem na cidade, sendo a cidade lugar de investigação.

Seguindo a antropologia “de perto e de dentro” inseri-me no contexto bem familiar, o fato de uma das pesquisadoras ser *deejay* e pesquisar consumo de música eletrônica em boates GLS é resultado dessa proximidade com o campo.

Na música eletrônica, onde a batida pode chegar a 133 decibéis por minuto, o maior efeito desse volume é fazer o corpo vibrar, ou seja, sentir a música é mais importante que ouvi-la. Para que isso seja possível é necessária à figura de um *deejay*.



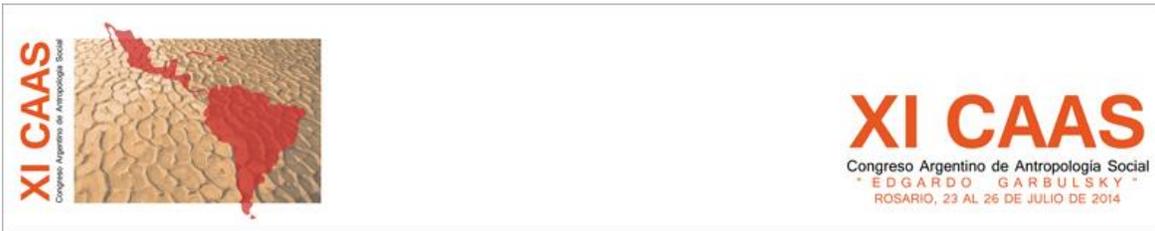
Para Neves a música eletrônica é capaz de promover uma união entre aqueles presentes nas boates/ festas de música eletrônica, isso ocorre pois a música é capaz de gerar um sentimento de fraternização entre os indivíduos. Esse tipo de festa é apenas um recorte de uma das maneiras de sociabilidade entre os indivíduos.

A música eletrônica para seus apreciadores, tem o poder de gerar o momento necessário de carregar o dançante num carpete de som musical. As vibrações expelidas por esse tipo de música são capazes de ser comunicadas para todo o corpo. A música eletrônica cria uma atmosfera de excitação grupal, em que a experiência individual se torna coletiva e todos os presentes são varridos por um espiral de som. O turbilhão sonoro conecta os dançantes. A música produz contágios (NEVES, 2010, p.50).

8

Sendo o *deejay* uma das figuras centrais nas festas de músicas eletrônicas, é o artista da noite, é ele o responsável pela agitação da festa, mas necessita de um público para direcionar seu trabalho. O *deejay* será guiado pela energia da pista (das pessoas que estão na festa), se tocar uma música que a pista não goste e não reaja de forma positiva, este precisa contornar a situação, seja fazendo seu corpo contagiar os demais, fazendo sinais vibrantes com seu corpo, ou colocando uma música de batida mais intensa que contague a pista.

O corpo do DJ precisa estar em sintonia com a música para influenciar de forma positiva a pista. Por ser o DJ o artista da festa, o centro das atenções, ele muitas vezes ocupa posição de destaque para o público, sendo admirado. Sendo assim, o corpo de uma das pesquisadoras e enquanto *deejay* facilita a interação com aqueles que consomem meu trabalho (a música eletrônica), assim a posição de pesquisadora enquanto “de perto e de dentro” é beneficiada. Por exemplo, geralmente os DJ’s possuem lista vip quando vai tocar nessas casas de show, boates, sendo assim, possibilita a entrada *free* de alguns acompanhantes nesses espaços. Essa relação de troca “reciprocidade” com o objeto pesquisado, resulta



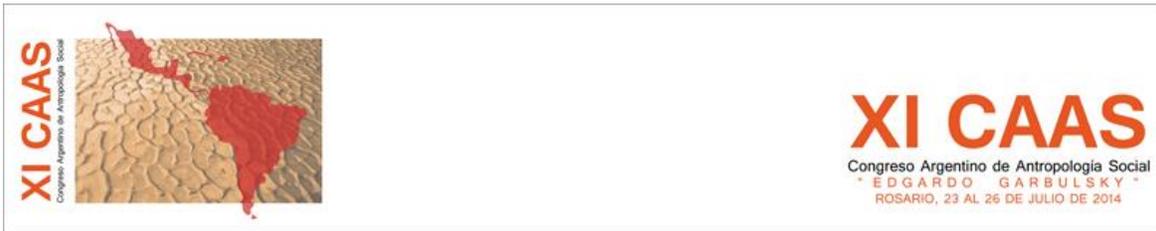
em uma troca de favores. Por exemplo, a pesquisadora e enquanto DJ, coloca-os *free* nas baladas, e eles enquanto consumidores de música eletrônica, nesses espaços de sociabilidade LGBTs, contribuem como colaboradores para a nossa pesquisa.

O fato de ser uma Dj e pesquisar homens que se relacionam afetiva e sexualmente com outros homens, facilita na inserção em campo, tendo em vista que ela consegue dialogar com os interlocutores sem a preocupação do corpo enquanto “corpo desejado”. O mesmo não aconteceria se o público a ser pesquisado fosse as mulheres que se relacionam afetiva e sexualmente com outras mulheres, tendo em vista que o corpo enquanto “objeto de desejo” ao mesmo tempo que poderia facilitar a aproximação com essas mulheres, se não bem posicionado, poderia comprometer o resultado da pesquisa.

Os homens que consomem esse tipo de música (o *tribal* e *progressive house*) é um público que valoriza muito o corpo enquanto cartão de visitas, quesitos como uma boa aparência, roupas elegantes, uma boa conversa, são pontos chaves para facilitar a aproximação. Portanto, utilizando de fatores favoráveis, ser Dee jay, ser mulher que se encaixa nos padrões de beleza “exigido” pelos interlocutores, facilitam a inserção em campo.

Por ser um corpo que já faz parte do espaço, sua inserção em campo enquanto pesquisadora não causa tanto estranhamento, muitas vezes passando despercebida enquanto tal. O fato de passar muitas vezes despercebida enquanto pesquisadora é favorável na legitimidade das situações. Por ser um corpo que faz parte e não causa estranhamento. Trata-se do corpo como interação e produto e produtor de situação.

Bibliografia



Agier, Michel. (2011). Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos. São Paulo: Editora terceiro nome.

Cardoso de Oliveira, Roberto. (2006). O Trabalho do Antropólogo. 3. ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp.

Cardoso, Ruth. (2014). “Aventuras de antropólogos em campo ou como espacar das armadilhas do método.” In: Cardoso, Ruth (org.) Aventura Antropológica: teoria e pesquisa. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Clifford, James. (1998). “Sobre a autoridade etnográfica”. In: A experiência etnográfica. Antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, (p.17 – 62).

Durham, Eunice. (2004). “A Aventura antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas.” In: Cardoso, Ruth (org.) Aventura Antropológica: teoria e pesquisa. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Featherstone, Mike. (1995). Cultura do Consumo e pós-modernismo. São Paulo: Studio Nobel.

10

França, Isadora Lins. (2012). Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo. Rio de Janeiro: EdUERJ.

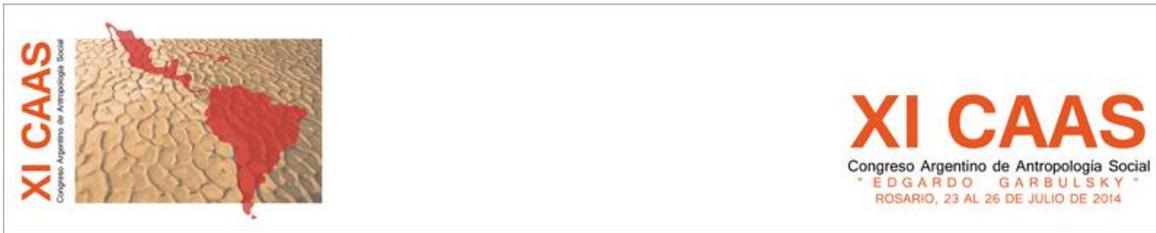
Magnani, José Guilherme. (1996). “Quando o campo é a cidade”. In. Na Metrópole: textos de antropologia urbana. São Paulo, EDUSP, 1996.

Magnani, José Guilherme. (2012). Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em antropologia urbana. São Paulo: Editora Terceiro Nome.

Neves, Thiago Tavares das. (2010). Batidas Intensas: Corpo e sociabilidade nas festas de música eletrônica em Natal. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

Reis, Ramon Pereira dos. (2012). Encontros e Desencontros: Uma etnografia das relações homossexuais em espaços de sociabilidades homossexual de Belém, Pará. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

Retondar, Anderson Moebus. (2007). Sociedade de consumo, modernidade e globalização. São Paulo: Annablume/Campina Grande: EDUFCG.



Sansone, Lívio. (2008). “Urbanismo, globalização e etnicidade”. In. Raça: Novas Perspectivas Antropológicas. Salvador, ABA, EDUFBA, p.151 – 191.

Simmel, Georg. (2006). Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar.

Velho, Gilberto. (1989). A utopia urbana: um estudo de antropologia social. Rio de Janeiro: Zahar.

Wolf, Eric. (2003). “Encarando o poder: velhos insights, novas questões”. In: Antropologia e poder. Contribuição de Eric Wolf. Bela Feldman-Bianco e Gustavo Lins Ribeiro (orgs.). Brasília: Editora Universidade de Brasília, São Paulo: Imprensa oficial do estado de S. Paulo, Editora Unicamp, pp. 325-343.